



II CONEDU
CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

LIVRO DIDÁTICO E ENSINO DE HISTÓRIA: REFLEXÕES A CERCA DAS PRODUÇÕES HISTORIOGRÁFICAS SOBRE O LIVRO DIDÁTICO E O ENSINO DE HISTÓRIA

Renan de Oliveira Silva; Carlos Arthur da Silva Santos

Universidade Estadual da Paraíba

rennanolive8@gmail.com; arthur.mercyful.fate@gmail.com

Resumo: O artigo tem como objetivo realizar uma reflexão acerca do livro didático de história utilizado no ensino básico no atual cenário brasileiro, usando como base trabalhos acadêmicos que discutem e refletem a atual situação da produção didática e o ensino de História Brasileiro. Partindo desse pressuposto o seguinte artigo faz uma revisão bibliográfica do que se vem produzindo a cerca do ensino de História e do livro didático de História, e que também reflete sobre a importância de um ensino crítico dentro do âmbito escolar, visando um melhor ensino de História para a escola de base perpassando por questões da comercialização do livro didático, e do ensino da cultura Afro-Brasileira e Indígena, considerando dentro do bojo dessas discussões se de fato o ensino que é passado para os alunos sobre questões raciais realmente retratam a realidade das culturas estudadas, mas também se o ensino de História também condiz com a realidade do aluno.

Palavras-chave: Livro Didático de História, Ensino de História, Ensino crítico.

Introdução

O artigo aqui elaborado tem por objetivo delinear as formas como os conteúdos de história são abordados nos livros didáticos que estão presentes no cotidiano escolar, e qual a maneira que eles apresentam os mais variados conceitos históricos em relação à



realidade vivenciada pelos alunos nos dias de hoje. Mas do que se preocupar com a realidade dos alunos, tentamos avaliar como muitos dos conceitos históricos e sujeitos históricos que ainda permanecem como são retratados.

Na tentativa de avaliarmos esses conceitos e sujeitos históricos, realizamos uma revisão bibliográfica e uma análise sobre livros didáticos que estão sendo utilizados atualmente pelos professores, percebendo assim como vários estereótipos criados sobre as diferentes etnias, classes sociais, e mitificações como acerca da chegada do povo civilizado e descobridor das terras brasileiras estão tão vivos em muitos livros didáticos de história utilizados nas salas de aula. A fim de descobrir como isso acontece até hoje, mesmo que desde a criação do Plano Nacional do Livro Didático e mais precisamente depois do ano 2000 os livros didáticos de história tenham avançado bastante em vários campos antes não abordados, tentamos fazer uma pequena retrospectiva para mostrar como o livro usado pelos professores de história começou a ser produzidos em massa para chegar a todos no Brasil e os sistemas políticos em que se inseriram nesse percurso, e por muitas vezes utilizados para construir o cidadão patriótico.

O livro didático de história sofreu as mais variadas mudanças desde sua implantação, passando desde uma linguagem que não se adequava a quem era destinado, as abordagens feitas por ele, pois muito nos interessa como os docentes lidam com essa ferramenta pedagógica que vai para além de sua função se transformando em um instrumento de construção cultural principalmente, os conteúdos trabalhados em uma coleção de livros aborda todo o percurso do homem no tempo e no espaço. Dessa maneira damos atenção não só ao livro, mas também aos docentes que irão trabalhar com esses livros. O professor deve perceber o livro didático como uma ferramenta para auxiliar ao seu trabalho, utilizando os conteúdos contidos neles para além de expor a os alunos problematiza-los, desmistificar vários dos preceitos e preconceitos que encontramos nos livros, não simplesmente usar o livro didático como imutável e representante único do que há em suas páginas.



Metodologia

Com o advento das teorias de ensino em que tende a transformar o aluno em um sujeito social que pense de forma crítica o meio em que vive, um aluno que não fosse somente um mero reproduzidor de datas e fatos importantes dentro do campo da História, surgem debates no meio acadêmico de como os conteúdos estão sendo ministrados em sala de aula, questionamentos que tem em seu bojo a preocupação de como o professor ministra os conteúdos históricos em sala de aula, e de como está à construção do livro didático nacional.

O livro didático faz parte do ambiente escolar há pelos uns duzentos anos. Já foi chamado de manual escolar, e vem cumprindo com muitas funções desde sua emergência até os dias de hoje¹.

É pensando nesse panorama que o histórico do livro didático brasileiro se constitui como função principal desde a sua constituição no ensino básico como um formador de identidade nacional. É tanto que sempre foi uma preocupação do Estado no controle das obras didáticas que irão para as salas de aula de todo o Brasil, não é a toa que periodicamente os livros passam por uma análise do MEC (Ministério da Educação) através do PNLD (Plano Nacional do Livro Didático) que tem o

... objetivo subsidiar o trabalho pedagógico dos professores por meio da distribuição de coleções de livros didáticos aos alunos da educação básica. Após a avaliação das obras, o Ministério da Educação (MEC) publica o Guia de Livros Didáticos com resenhas das coleções consideradas aprovadas. O guia é encaminhado às escolas, que escolhem, entre os títulos disponíveis, aqueles que melhor atendem ao seu projeto político pedagógico².

¹ MENDES, Jessica Salvino. *Os livros didáticos de História: olhares e reflexões para novas práticas de ensino*. Disponível em: http://www.editorarealize.com.br/revistas/eniduepb/trabalhos/Modalidade_6datahora_04_10_2013_11_28_00_idinscrito_251_7b47289ecf3d9d2fddb2bad9bae7b9b2.pdf. Acesso em: 25 de Abril de 2015. p. 2.

² Ver: http://portal.mec.gov.br/index.php?Itemid=668id=12391option=com_contentview=article.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

A partir da era Vargas é que se cria uma comissão responsável pela produção e utilização dos livros didáticos no Brasil, também é justamente nessa época em que as produções do livro didático começam a seguir uma lógica de formar mentes que pensassem junto com a doutrina nacionalista do Estado Novo. Posteriormente com a ditadura civil-militar os livros didáticos assumiram com o estado autoritário brasileiro o papel massificador, já que houve um considerável aumento da população escolar brasileira. A partir desse panorama é que houve um grande incentivo à produção dos livros didáticos no Brasil, através de incentivos fiscais as editoras, em contrapartida o livro didático se apresentavam para o seu consumidor com discursos do civismo e de maneiras estimulantes do comportamento do indivíduo dentro do coletivo³. Foi a partir da intervenção direta do Estado também que começou o grande mercado editorial no Brasil, um panorama que dura até hoje em que as grandes editoras de livros didáticos investem pesadamente a cada produção para que possam passar avaliação do Ministério da Educação e ser distribuído para as escolas públicas.

A produção de material didático de história deve ser avaliada com um olhar bem coerente a realidade vivida pelos alunos que irão utiliza-lo por se tratar de um livro que trabalha conteúdos que estão bem distante da realidade que os alunos se encontram, a linguagem é também um componente importante. Porém

... a proposta dos PCN's interfere diretamente na produção, seleção e uso do livro didático escolar, pois a partir de seus fundamentos e objetivos é que os conteúdos escolares e currículos de História devem ser arranjados, adequando-se à realidade escolar e do educando⁴.

Mas o que vemos na realidade é que o ensino de história poucas vezes é atrelado à realidade do aluno, que por vezes encara os conteúdos com estranheza e apatia.

Para que a linguagem seja acessível aos alunos, e não tornar os livros didáticos por esses e outros motivos um objeto de exclusão, como eles já foram às ultimas décadas do século XX, onde se encontravam inserido em um forte controle político

³ Ver LUCA; MIRANDA, 2004.

⁴ OLIVEIRA, Isabella Santana. *Livro didático e ensino de História: um estudo de eixos temáticos no ensino fundamental II*. Disponível em: <http://www.uesc.br/eventos/culturaepolitica/anais/isabelasantana.pdf>. Acesso em: 25 de Abril de 2015. p. 3.



durante a ditadura civil-militar e ainda permaneceu durante o período de redemocratização do Brasil durante a década de 1980, nesses períodos a linguagem do livro didático muito se aproximava da acadêmica, vindo mudar sua conjuntura com a criação do Plano Nacional do Livro Didático no final da década de 1990, que sua linguagem se adéqua ao público alvo e os conteúdos tomam novas formas de abordagem.

Temos consciência de que o livro didático hoje está totalmente diferente do que ele foi ao final do século XIX e início do século XX, porém eles ainda possuem em sua carga de conteúdos conceitos ultrapassados e que ainda perpetuam preconceitos, livros que apresentam imagens que não passam de mera ilustração aos olhos do aluno, que por vezes não consegue assimilar a imagem ao conteúdo da aula.

A função do livro didático é de ser um instrumento pedagógico que no exercício de sua leitura, sob o auxílio da explicação do professor em sala de aula, e também com o uso de outros instrumentos pedagógicos como ferramenta que possibilite um melhor aprendizado, leve o aluno a apreender esse conteúdo e por consequentemente o leve a ter uma maior reflexão sobre a sociedade em que vive, porém quando o professor utiliza somente o livro didático como uma única fonte de conhecimento histórico, está assumindo de frente aos alunos a característica de que o livro é o centro detentor da verdade histórica, é pensando que:

... neste sentido podemos perceber que a maioria dos professores de escolas públicas, por conta de variadas situações (falta de tempo, excesso de trabalho, formação inadequada, etc.), fixa seu conteúdo a partir do que está inserido no livro didático de História, muitas vezes ignorando a realidade na qual o seu aluno está inserido⁵.

Caimi (2006) afirma que há também reclamações por ambas as partes dos que integram a sala de aula, ou seja, dos professores e dos alunos. Os professores reclamam do fato dos conteúdos serem por vezes complexos e que de que nada condiz com a

⁵ OLIVEIRA, Isabella Santana. *Livro didático e ensino de História: um estudo de eixos temáticos no ensino fundamental II*. Disponível em: <http://www.uesc.br/eventos/culturaepolitica/anais/isabelasantana.pdf>. Acesso em: 25 de Abril de 2015. p. 2-3.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

realidade do alunado, da falta de interesse dos alunos em sala e o principal de todas as reclamações é a má conduta dos alunos, que desafiam a autoridade do professor. Por parte dos alunos, as reclamações estão relacionadas a posturas autoritárias dos professores, e que também a aula seja mais “agradável” e que não “exija” tanto esforço de memorização.

Muitas reclamações feitas pelos alunos são bem importantes mesmo que eles façam isso sem perceber os verdadeiros motivos para as posturas autoritárias do professor e aulas desagradáveis, esses motivos estão inseridos no comodismo que muitos professores têm para utilizar o livro didático único e exclusivamente, por nele se encontrar um material pronto e acessível a todos, sem pensar na qualidade de suas aulas e dos conteúdos transmitidos, só pensando na quantidade transmitida.

As funções básicas de uma escola através das disciplinas em seu sentido mais tradicional é a transmissão de conteúdos clássicos e a formação de um cidadão crítico em relação ao que lhe é colocado, mas esses preceitos iniciais se perdem no decorrer da formação escolar do alunado, isso em decorrência da forma como o livro didático serve como uma “bíblia” para professores que não apresentam uma formação adequada, impondo um material que contem muitas restrições, não desenvolve capacidade de pesquisa nos alunos, e sem contextualizar os conteúdos assim muitos preconceitos e preceitos permanecem de maneira imutável⁶.

Assume-se então, que por mais que se tenha ocorrido uma melhora nos conteúdos didáticos nos últimos anos, ainda assim o livro didático é centro de todas as atenções na aula de história, mesmo os professores mais esforçados que tendem a criar novos meios pedagógicos em sala, ainda existem outro fator que impede um melhor desenvolvimento dessas atividades em sala, que é a questão do tempo de duração das aulas. Tendo em vista de que a carga horária do ensino de História é mais curta em comparação com disciplinas de Português e Matemática, o professor por vezes se vê obrigado a ensinar o básico aos seus alunos, tendo como base o conhecimento do livro

⁶ Ver OLIVEIRA, <http://www.uesc.br/eventos/culturaepolitica/anais/isabelasantana.pdf>. Acesso em: 25 de Abril de 2015.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

utilizado por ele e os alunos, outro fator que influencia na forma como as aulas estão sendo ministradas é a estrutura oferecida pelas escolas publicas mesmo que já haja escolas que disponibilizam vários recursos didáticos, mas grande maioria esta presa a um numero mínimo de recursos e ainda há escolas que não se dispõem desses materiais didáticos. Isso tudo também atrelado como exposto anteriormente aos conflitos dentro de sala entre professor e aluno. Delineando o “campo de batalha” que é a sala de aula, que envolve questões particulares de cada indivíduo somando com questões estruturais e burocráticas.

Outra questão acerca do ensino de historia e que perpassa pelo conteúdo das coleções didáticas de história, é a apropriação de conceitos por vezes preconceituosos e ultrapassados, temos como exemplo a visão estereotipada do negro e do índio dentro do livro didático, a começar pelas relações de opressor e oprimido dentro do âmbito escravocrata, e a visão do índio como ser romantizado e ingênuo através da literatura, que estão totalmente distante do que foi e do que o cotidiano indígena e afrodescendente do nosso país. Estereótipos que perpassam até por questões que parecem simples, mas que há muito tempo já foi desconstruído, como no caso do “descobrimento do Brasil” que hoje sabemos que foi mais uma invasão do que um “descobrimento”.

Caimi (2006, p. 24) diz que:

... Há uma tendência entre nós, professores, de assumir uma posição estática diante do ensino de conceitos, tratando-os como definições verbais prontas, que podem ser encontradas nos dicionários e nos livros. Aí reside muito do verbalismo vazio que permeia as aulas de História, resultando ora na passividade dos alunos, ora na sua resistência ativa frente à disciplina. É preciso considerar que conceitos são essencialmente esquemas de ações, não informações que se possam incorporar externamente, somando-se dados da realidade.

Ainda podemos perceber entre os estereótipos, a exaltação dada ao continente Europeu como o maior exemplo de povo civilizado, esse caráter atribuído pela forma como os portugueses conquistaram as terras hoje brasileiras e as expandiu e organizou submetendo os povos indígenas encontrados ou grande parte deles que estavam



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

ocupando essas terras há séculos, e os negros trazidos da África criando vários conceitos e preconceitos como já citados acima que foram enraizados até hoje em nossos livros didáticos sem que haja na grande maioria das vezes uma desconstrução e problematização em relação às condições em que esses povos vivem hoje, a condição de Portugal em relação ao Brasil que é bem diferente da que por muito tempo foi e é oferecida pelos setores elitizados e políticos envolvidos com a produção dos materiais didáticos distribuídos para o ensino público, que estão mais preocupados com a rentabilidade que eles vão trazer aos setores produtores.

O livro didático no campo educacional se mostra uma ferramenta importante por remeter-se a memórias históricas e em grande medida as consolidarem, com essa característica vários atores do presente que por muito tempo foram folclorizados nessas narrativas procuram agora ganhar o seu espaço, que sejam apresentadas as suas manifestações culturais, suas lutas, vitórias. Já há um grande avanço nos livros didáticos produzidos a partir do ano 2000, mas percebe-se uma grande distância entre o que proposto como uma produção da história cultural a ser produzida e o que os livros didáticos realmente apresentam.

Alguns avanços já foram alcançados como aprovação da Lei Nº 10639/2003⁷ que tornou obrigatório a inserção da História e Cultura Afro-Brasileira, isso, devido às lutas feitas pelo Movimento Negro Unificado, mas outros grupos sociais como os indígenas, as mulheres e crianças que por não contarem com a mesma organização que os movimentos negros não ganham o lugar devido e representatividade na História do Brasil contida no livro didático. Porém em 10 de Março 2008 a LEI Nº 11.645⁸, garantiu também o ensino da temática indígena juntamente com a temática afro-brasileira.

Se pensarmos nesse aspecto, a cultura indígena ainda é muito estereotipada se pensarmos nas pluralidades de povos indígenas que existem no nosso Brasil. E aí é que vem a pergunta: qual é a cara do índio brasileiro? Se perguntarmos isso a uma criança

⁷ Sobre a lei de ensino Afro-Brasileiro ver: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.639.htm.

⁸ Sobre a lei de ensino Afro-Brasileiro e Indígena ver: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/111645.htm.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

do ensino primário ela provavelmente irá responder que o índio é um sujeito que anda com um cocar, tanguinha, que produz um som característico ao bater a palma da mão na boca, que fala tupi guarani, e mora necessariamente numa oca. Então esses são discursos reproduzidos pela maioria da população, não só por crianças, ainda atrelado ao discurso midiático que por vezes tendem a vandalizar a imagem do índio por vezes é tachado como violento quando eles vão reivindicar os seus direitos.

Baseando nesse aspecto é que percebemos que algo está errado em nossa educação brasileira ainda está fragilizada quando pensamos no ensino sobre as multiplicidades étnicas no Brasil. Quando pensamos no dia do Índio, por exemplo, não devemos pensar na visão do índio geral, e sim que existem muitos povos indígenas, muitas formas de religiosidades, linguísticas, vestuário, práticas cotidianas e organização social e etc., devemos pensar nesse bojo que existem índios que não mais moram no meio de uma floresta, e sim que temos índios urbanizados, que vestem as roupas da modernidade e que pintam seus cabelos das cores da moda, o índio não só “quer cachimbo”, mas ele quer tudo que ele tem direito e é garantido por lei.

As leis que garantem o ensino afro e indígena estão lá de fato, porém temos outra questão muito importante para ser discutida aqui, a lei pode garantir o ensino, porém será que este ensino está sendo de qualidade, ou continua a perpassar preconceitos? A lei ela garante o ensino, mas não garante os subsídios para que ambos os conteúdos sejam trabalhados com qualidade.

Quando nos deparamos com a realidade da escola pública, como já citado acima, a estrutura da escola por vezes não nos oferece meios para que possamos trazer meio pedagógicos para aplicação desses conteúdos, ou quando encontramos um professor já fadado e que se não atualiza em termos de conteúdo, que por vezes não aceita ensinar tais conteúdos por fatores religiosos. Podemos perceber que muitos problemas ainda continuam no âmbito da escola, e que uma lei aprovada simplesmente não garante o ensino mais democrático e de melhor qualidade.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Conclusão

Ao pensarmos o cenário educacional atual temos que reconhecer que houve mudanças significativas nos últimos anos, porém não devemos deixar de lado as discussões acadêmicas a respeito do livro didático e do ensino básico, pois essas discussões nos servem para que possamos saber o panorama do ensino dos dias atuais e propor melhorias para o ensino.

O grande problema é que grande parte do que se é discutido nas Universidades acabam que por muitos fatores que estão em jogo não chegam a se concretizar dentro do ensino de base, um ensino de base que continua com sérios problemas estruturais e de formação de indivíduos.

Consideramos que mesmo com todas as dificuldades do cotidiano, o bom professor de história deve saber utilizar os escassos recursos que tem ao seu alcance para poder privilegiar o alunado com um ensino de qualidade, mesmo que este único recurso seja o livro didático. E ao pensarmos sobre o ensino de História, com o auxílio das produções acadêmicas sobre essa questão, devemos, como atuais ou futuro professores, condicionar o nosso alunado ao pensamento crítico a cerca do seu mundo cotidiano, e também, e não menos importante, no âmbito global.

O ensino crítico de História possibilita que o aluno possa ter um olho mais clinico com o que acontece a sua volta, pois esse ensino o possibilita a não enxergar o mundo só com os olhos do senso comum, mas sim com os olhos de um sujeito que tenha capacidade intelectual de reconhecer os acontecimentos históricos não mais como simples datas, símbolos ou de pessoas importantes, mas sim enxergar a História e reconhecê-la como fundamental para entendermos os nossos dias atuais.

Percebemos na atualidade que o ensino de História tem que se desgarrar do antigo método de decorar datas e acontecimentos, e introduzir o questionamento sobre esses acontecimentos e sobre essas datas, no exercício de reflexão crítica da própria



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

história, mostrando também que a história é feita de interesses múltiplos, e que ela não é cem por cento verdadeiras. Dessa forma é pensamos que o ensino de História emancipe ainda mais o aluno em seu aspecto crítico, não o transformando em um decorador e reproduzidor de nomes, datas e acontecimentos importantes.

Referências

CAIMI, Flávia Eloisa. *Por que alunos (não) aprendem História?* Reflexões sobre ensino, aprendizagem e formação de professores de História. Tempo. Rio de Janeiro v.1, n.21, p. 17-32, 2007.

LUCA, Tania Regina de; MIRANDA, Sonia Regina. *O livro didático de história hoje: um panorama a partir do PNLD.* **Revista Brasileira de História.** São Paulo, v. 24, n.48, p. 123-144, 2004.

MENDES, Jessica Salvino. *Os livros didáticos de História: olhares e reflexões para novas práticas de ensino.* Disponível em: http://www.editorarealize.com.br/revistas/eniduepb/trabalhos/Modalidade_6datahora_04_10_2013_11_28_00_idinscrito_251_7b47289ecf3d9d2fddb2bad9bae7b9b2.pdf. Acesso em: 25 de Abril de 2015.

OLIVEIRA, Isabella Santana. *Livro didático e ensino de História: um estudo de eixos temáticos no ensino fundamental II.* Disponível em: <http://www.uesc.br/eventos/culturaepolitica/anais/isabelasantana.pdf>. Acesso em: 25 de Abril de 2015.

Links:

http://portal.mec.gov.br/index.php?Itemid=66&id=12391&option=com_content&view=article.

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.639.htm.

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/111645.htm.